

CRISTIANA LÔBO

ESTADO DE SÃO PAULO
Pesquisa e dentadura

O presidente Fernando Henrique Cardoso sabe o que faz quando direciona para a questão econômica o debate sobre seu governo. É do sucesso do Real, da inflação baixa e do preço estável da cesta básica que sai sua força político-eleitoral. Pode-se dizer até que a economia é o ponto alto do governo FH e a política é seu ponto fraco.

Isso é atestado pelas pesquisas qualitativas que regularmente chegam ao Palácio do Planalto e aos partidos. Nas consultas feitas aparece claramente uma inversão de posições: o povo vota no Real e consome Fernando Henrique — se é que se pode dizer assim. O fato é que a estabilidade econômica é que puxa para cima o prestígio político do governo; e Fernando Henrique já não empolga tanto. Mas por ser o responsável pelo Real desde seu nascimento é tido pela população com o pai da idéia e quem tem mais capacidade de “segurar o plano”, como pedia o eleitor na campanha de 1994.

Fernando Henrique, um leitor atento das pesquisas, vê isso nitidamente. Tanto que desde que foi eleito e mesmo na composição do governo, ele jamais permitiu interferências externas (e políticas) na condução do Real. Aí também reside a força do ministro Pedro Malan que nos tempos de debate com o colega José Serra venceu praticamente todas as paradas.

Desde 1995, nunca se viu um político tentando indicar ministros ou mesmo assessores para os ministérios econômicos. Nas empresas estatais, abriu-se a possibilidade de indicação de nomes para cargos menos decisivos nas administrações. Basta lembrar que os diretores de todas as empresas estatais têm ligação direta com os homens da economia. FH nunca deixou vulnerável a condução da economia. Prova disso é que quando os técnicos recomendaram o Proer para resolver a questão do Banco Nacional, FH não hesitou em referendá-lo e, dizem os assessores, também não questionou a medida que tornou indisponíveis os bens de suas netas — da família Magalhães Pinto.

As pesquisas mais recentes mostram que a classe média per-

deu o entusiasmo com Fernando Henrique — é a que ainda sofre alguma coisa com a estabilização econômica. É o pessoal que vivia de juros, ganhava na aplicação do salário. Mas nem a classe média nem ninguém que busca outra alternativa para presidir o País a partir de 1999, ainda segundo as pesquisas, quer um candidato que questione o Real. Por isso mesmo o PT adapta seu discurso a essa realidade. O PT de 1998 não quer repetir o de 1994, que contestava os ganhos com o Real.

O ponto que fascina o eleitor é ver alguém, ao mesmo tempo, defendendo o modelo econômico implementado por Fernando Henrique, mas pregando maior ênfase à área social — aliás, o que o próprio FH tem insistido de tempos para cá. Mas teria de ser um candidato novo que só agora despon-

tasse e não nomes já conhecidos como Itamar Franco, Luiz Inácio Lula da Silva e José Sarney. Para os analistas de pesquisas, se FH já não empolga tanto por ser “sabor conhecido”, ainda mais esses outros três.

Porém aliados de Fernando Henrique, conhecedores dessas pesquisas de análise, preocupam-se com os prováveis adversários da eleição do ano que vem. O trabalho político do próprio FH é no sentido de evitar adversários — o que tem dado resultado inverso:

quanto mais se trabalha para evitar novas candidaturas, mais os prováveis candidatos sentem que podem ameaçar esse favoritismo e inflam suas candidaturas. É o caso, por exemplo, de Itamar Franco, José Sarney e Ciro Gomes. Nesse aspecto, a estratégia dos partidários de Fernando Henrique está equivocada. Como disse um político com trânsito no Palácio do Planalto, “ter a condição de favorito na disputa já é muito bom, agora, escalar os adversários, é querer demais”.

De todas as pesquisas quantitativas e qualitativas que circulam pelos gabinetes em Brasília, é possível detectar o que o eleitor já concluiu: entre todos os prováveis candidatos à Presidência da República em 1998, Fernando Henrique ainda é o melhor, mas o governo está aquém dele. Bem que poderia ser melhor.



■ Cristiana Lôbo é jornalista

As pesquisas indicam: para o eleitor, FH ainda é o melhor, mas o governo está aquém dele